

## A psicanálise sobre a ditadura Civil-Militar

### Psychoanalysis on the Civil-Military dictatorship

### Psicoanálisis sobre la dictadura Cívico-Militar

Recebido: 23/07/2022 | Revisado: 13/08/2022 | Aceito: 16/08/2022 | Publicado: 24/08/2022

#### **Cassius Assunção Martins**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3079-9995>  
Centro Universitário do Norte, Brasil  
E-mail: [csamartins2000@gmail.com](mailto:csamartins2000@gmail.com)

#### **Rafael Pedro Rodrigues**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0975-7870>  
Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educação, Brasil  
E-mail: [rafaelpedropsico@gmail.com](mailto:rafaelpedropsico@gmail.com)

#### **Erimar Pereira da Rocha**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8246-8138>  
Secretaria Municipal de Educação de José de Freitas, Brasil  
E-mail: [erimardarocha@gmail.com](mailto:erimardarocha@gmail.com)

#### **Arlys Jerônimo de Oliveira Lima Lino Carneiro**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2977-2480>  
Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco, Brasil  
E-mail: [arlysfulub@gmail.com](mailto:arlysfulub@gmail.com)

#### **Cesar Augusto Freitas Jacques**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2877-7028>  
Faculdade Interamericana de Porto Velho, Brasil  
E-mail: [cesarfjacques@gmail.com](mailto:cesarfjacques@gmail.com)

#### **Francisco Mesquita Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1977-7066>  
Secretaria Municipal de Educação de Tarauacá, Brasil  
E-mail: [frankmesquita001@gmail.com](mailto:frankmesquita001@gmail.com)

#### **Michel da Costa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5951-7870>  
Universidade Metropolitana de Santos, Brasil  
E-mail: [michel.costa@unimes.br](mailto:michel.costa@unimes.br)

#### **Sônia Laide Lacerda Neves**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1725-3835>  
Universidade Metropolitana de Santos, Brasil  
E-mail: [sonialaide@hotmail.com](mailto:sonialaide@hotmail.com)

#### **Valmir Messias de Moura Fé**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7722-1536>  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil  
E-mail: [valmirmourafe@gmail.com](mailto:valmirmourafe@gmail.com)

#### **Angélica Umbelina Camargo Frescura**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9930-4941>  
Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul, Brasil  
E-mail: [angelicafrescura@gmail.com](mailto:angelicafrescura@gmail.com)

#### **Resumo**

A ditadura civil-militar tinha sido um período bastante obscuro de repressão política, social e cultural durante essa breve história do Brasil. O poder centralizado em poucos representantes detentores do poder conduziu uma onda de violência de forma legitimada em prol de uma segurança nacional contra a fantasmática progressista, mesmo que isto sacrificasse o bem-estar de uma boa parte da população. Baseado primordialmente no mito do Pai da Horda, encontrada na antropologia freudiana em *Totem e tabu* (1913/1981), este artigo tem como objetivo transcorrer sobre a gênese do autoritarismo que é clamado pela massa das camadas populares na constituição das relações de subordinações políticas entre os seres humanos, articulados com saberes sobre os objetos de gozo, a ruptura infantil com os pais e a consequente rejeição da verdade em Lacan, bem como os desdobramentos teóricos propostos pelos seus discípulos contemporâneos na prevenção do retorno dessa forma de política.

**Palavras-chave:** Pai; Autoritarismo; Psicanálise; Ditadura.

#### **Abstract**

The civil-military dictatorship had been a rather obscure period of political, social and cultural repression during Brazil's brief history. The power centralized in a few power-holding representatives led a wave of violence in a

legitimate way in favor of national security against the progressive ghost, even if this sacrificed the well-being of a good part of the population. Primarily based on the myth of the Father of the Horde, found in Freudian anthropology in Totem and Taboo (1913/1981), this article aims to discuss the genesis of authoritarianism that is claimed by the masses of the popular strata in the constitution of relations of political subordination between human beings, articulated with knowledge about the objects of jouissance, the infantile rupture with the parents and the consequent rejection of the truth in Lacan. As well as the theoretical developments proposed by his contemporary disciples in preventing the return of this form of politics.

**Keywords:** Father; Authoritarianism; Psychoanalysis; Dictatorship.

### Resumen

La dictadura cívico-militar había sido un período bastante oscuro de represión política, social y cultural durante la breve historia de Brasil. El poder centralizado en unos pocos representantes en el poder propició una ola de violencia de forma legítima a favor de la seguridad nacional contra el fantasma progresista, aunque esto sacrificara el bienestar de buena parte de la población. Basado principalmente en el mito del Padre de la Horda, encontrado en la antropología freudiana en *Tótem y tabú* (1913/1981), este artículo tiene como objetivo discutir la génesis del autoritarismo que es reivindicado por las masas de los estratos populares en la constitución de relaciones de la subordinación política entre los seres humanos, articulada con conocimientos sobre los objetos de goce, la ruptura infantil con los padres y el consecuente rechazo de la verdad en Lacan, así como los desarrollos teóricos propuestos por sus discípulos contemporáneos para impedir el retorno de esta forma de la política.

**Palabras clave:** Padre; Autoritarismo; Psicoanálisis; Dictadura.

## 1. Introdução

O Governo Brasileiro em 1961 passava por uma grande conturbação política após a renúncia do presidente democraticamente eleito, até então, Jânio Quadros (1917-1992), pressionado pelas camadas conservadoras das Forças Armadas, da Igreja, do Empresariado e de uma grande parcela de camadas populares. No início de 1964, João Goulart (1919-1976), vice-presidente, foi deposto, iniciando uma sistemática violência contra os valores constitucionais, justificados pela ameaça comunista, segundo eles. O fato curioso foi a legitimação estatal da violência com a criação do Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) contra todos aqueles que, de alguma forma, assombravam o regime.

A Ditadura foi implementada com a desculpa de levar ordem e segurança, mesmo que para isto fosse necessário um pequeno sacrifício do bem-estar, o que resultou em uma série de Atos Institucionais que colocavam em vigor “a censura, a perseguição política, a supressão de direitos constitucionais, a falta total de democracia e a repressão àqueles que eram contrários ao Regime Militar” (Neto; Pádua, 2015, p. 37).

O autoritarismo é uma forma de regime tão estruturalmente enraizado nas relações humanas que até mesmo as sociedades psicanalíticas brasileiras durante o período foram corrompidas com seus ideais, funcionando como uma repetição privada da vida social vigente. Os psicanalistas conservadores rogavam uma “pureza” da psicanálise, sendo poucos aqueles que realmente poderiam entrar nos seus espaços, concentrando-se em uma clínica estritamente burguesa e de longe acessibilidade, dividindo a psicanálise em blocos antagônicos entre os que são dignos de fazer o papel analítico daqueles que não, com objetivo de “proteger”, no caso “conservar” a psicanálise na figura centrada de Freud, quase como um Pai da Horda:

Durante a Ditadura Militar a psicanálise foi encarada nas instituições psicanalíticas como uma visão totalizante de mundo e de homem que ignorou outras determinações para além das psíquicas. [...] A psicanálise, ocupando esse lugar de *Weltanschauung*, tornou-se ineficiente em sua práxis e se viu travestida em sintoma do analista. Porém, como em todo o sintoma o sujeito possui um ganho, não poderia ser diferente nessas sociedades. Os psicanalistas “oficiais” possuíam status, consultórios lotados, mesmo com os altos preços cobrados por suas sessões, participavam dos mais opulentos eventos sociais, eram quase sumidades (Neto; Pádua, 2015, p. 42).

Este artigo tem como intuito transcorrer a gênese das relações autoritárias entre os seres humanos, fatos estes que constituem o pilar da criação de regimes totalitários, com base na antropologia freudiana encontrada no mito do Pai da Horda

em *Totem e tabu* (1913/1981a) e nas relações sociais do sujeito consigo mesmo e com terceiros em *A psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011), articulados com o saberes de Lacan na ruptura com o Outro durante a infância que cria uma fenda (*Spaltung*) entre pais e filhos levando a uma rejeição da verdade, bem como desdobramentos teóricos de seus discípulos contemporâneos na prevenção desses acontecimentos políticos.

### 1.1 O pai autoritário tem muitas faces

Freud, em *Totem e tabu* (1913/1981a), apresenta o mito em que é possível conceber o Pai da Horda primordial como o pai morto. Neste mito freudiano, o Pai da Horda era detentor de tudo e todos, enquanto os outros homens eram de tudo impedidos. Quando um homem assassinava o pai, este tomava seu lugar. Todos os homens se juntaram e, então, mataram esse Pai, ingerindo-lhe sua carne em uma refeição, o banquete totêmico. Assim, todos os homens teriam dentro de si o Pai Primordial. No entanto, eles estavam condenados a nunca, nenhum, tomar o seu lugar. Daí decorreria o tabu do incesto, em que determinadas relações não poderiam se estabelecer para que sempre houvesse um objeto proibido, assim um homem não poderia mais ocupar este lugar de Pai.

O Pai, desta forma, é sempre um Pai morto, um Pai simbólico interiorizado em que cada sujeito apreende a interdição. Assim é preciso de um pai suficientemente (não exageradamente) mau que seja capaz de interditar a criança de seu objeto de desejo, no caso, o seu cuidador primário. Assim, se constitui a Lei, que não é a mesma lei do código penal, mas uma Lei simbólica em que não se pode tudo, em que o sujeito é estruturalmente faltante (Melchior, 2015). Quando se trata, entretanto, do autoritarismo, alguém reivindica este lugar do Pai, aquele que está acima da lei e subjuga os outros integrantes do grupo (Melchior, 2015).

Entre as formas contemporâneas de exercício autoritário do poder do Estado, há algo em comum: o pai não será morto jamais e terá seu lugar reivindicado incessantemente. Esta função será preenchida, o problema é conhecer quem fará o papel de operador e a que custo isto se dará (Melchior, 2015, p. 40).

O autoritário tenta assumir a posição de Pai, tentando transformar seu próprio desejo em uma Lei que equivale a todas as pessoas, “a questão do autoritarismo passa fundamentalmente pela tentativa do detentor do poder estatal de se tornar o operador da função paterna, tornando as leis a própria manifestação da Lei e, com isto, obter toda forma de obediência que precisa” (Melchior, 2015, p. 42). Todavia, o poder de um mestre depende da servidão voluntária de seus seguidores, que lhe conferem este poder. Haveria, então, um desejo da existência de um mestre por parte das massas.

Para Freud (2011/1921), a psicologia individual é, em um sentido ampliado, também psicologia social, pois o Outro é tanto modelo quanto rival, desta maneira, o social e o individual se influenciam mutuamente. Um indivíduo inserido em uma massa terá seu comportamento modificado por ela. Dentro da massa, abre-se mão do próprio desejo e da própria criticidade em prol da vontade popular. Assim como, a massa também elege um grupo de fora que será rechaçado como inimigo para descontar este desejo.

Freud (2011/1921, p. 27), baseado nos estudos de Gustave Le Bon, afirma que a massa “quer ser dominada e oprimida, quer temer seus senhores”. Temer seu mestre e colocá-lo nessa posição de poder também traz segurança à massa de que todos seguirão os ditames estabelecidos por ela. Um mestre temido garante à massa uma seguridade maior. As massas têm, desse jeito, um interesse partilhado enquanto grupo de que as leis estabelecidas pelo mestre sejam mantidas.

Para manter o mestre nesta posição, este é idealizado como alguém que não sucumbiu à castração simbólica, como alguém que não é faltante, e o mestre sustenta essa imagem. Ao eleger um mestre como um Pai que, supostamente, é capaz de gozar de tudo, as massas se sentem em segurança (Melchior, 2015). A massa depende, dito isto, da ilusão de que um sujeito não é castrado:

As massas nunca tiveram sede da verdade. Requerem ilusões, às quais não podem renunciar. Nelas o irreal tem primazia sobre o real, o que não é verdadeiro, mas influencia quase tão fortemente quanto o verdadeiro. Elas têm a visível tendência de não fazer distinção entre os dois (Freud, 2011/1921, p. 29).

Freud (2011/1921) coloca que Le Bon leva em conta dois fatores para analisar o fenômeno de massa: mútua sugestão dos indivíduos e o prestígio do líder. O primeiro fenômeno é a tendência de um indivíduo de se sentir impelido a concordar com a massa para manter-se parte dela. O segundo é um domínio cujo líder exerce sobre as massas, que se mantém, sobretudo, pela crença na sua imagem não castrada e de sucesso absoluto.

Freud (2011/1921) adiciona ainda a hipótese de um terceiro elemento, levando em conta sua teoria libidinal: o amor. Se o indivíduo abandona sua vontade em prol da massa não é por outro motivo senão para estar de acordo com ela e com o líder, receber deles o seu amor e aprovação. Há, então, uma identificação horizontal com os outros membros da massa de que são iguais, pois se crê que o mestre ama a todos da mesma maneira. A mesma relação é observada na Igreja e no Exército: acredita-se que Deus ama a todos os seus “filhos” igualmente, da mesma maneira que se acredita que o General ama da mesma forma todos os seus soldados.

Tendo essas considerações em vista, é possível pensar sobre o desejo do retorno à ditadura por parte de algumas pessoas da população brasileira. Segundo Cardoso (2018), o saudosismo do período ditatorial remete a uma construção de um discurso por parte dos militares da ditadura como um período. Esse discurso coloca que os relatos de tortura não são verdadeiros.

Os militares são unânimes na condenação do Projeto Brasil Nunca Mais, que deu origem a algumas publicações e teses que denunciam com provas documentais a prática da tortura neste período. Consideram os relatos das vítimas de tortura falaciosos e provocativos, pois revelam apenas uma visão maniqueísta dos acontecimentos do período (Cardoso, 2018, p. 2).

Os arautos desse discurso denominam o golpe militar de “revolução militar”, defendendo que cabia-lhes lutar contra a corrupção dos partidos de terceiros. Neste discurso observamos que a figura de líder da ditadura militar brasileira, o exército, se coloca como o regime que luta contra a corrupção e, conseqüentemente, não é corrupto. Aqueles entusiastas pelo retorno deste regime acreditam que a ditadura é o que pode manter o Brasil em ordem. Acreditam que só foram torturados aqueles que mereceram, por serem riscos à seguridade que a ditadura supostamente sustentava. “Apresentam posicionamentos ideológicos bastante definidos sobre o tema da tortura, considerando-a um instrumento para obter determinadas confissões e um mal menor diante dos métodos empregados pelos “terroristas” (Cardoso, 2018, p. 4).

A noção de verdade dos acontecimentos nesses relatos não está centrada na verdade histórica dos acontecimentos, mas em uma verdade individual interna. Para eles, essa verdade não pode ser questionada, pois eles vivenciaram o acontecimento e acreditam que a sua verdade deve ser levada como historicamente verdadeira (Cardoso, 2018).

Os defensores desse discurso argumentam que a inevitabilidade do regime militar se daria por um suposto perigo do comunismo tomar o Brasil. Desta forma, a massa que roga o retorno da ditadura elege o fantasma do comunismo como o grande inimigo que os autoritários poderiam derrotar (Freud, 2011/1921; Cardoso, 2018).

Os militares, durante o regime ditatorial no Brasil, oscilaram, durante todo o período, com práticas autoritárias e democráticas, o que levaria a parecer que a ditadura teria sido mais branda no Brasil. Os militares brasileiros também não foram responsabilizados por seus atos, algo que possibilita sustentar a memória do período ditatorial como um momento revolucionário.

Enquanto a Argentina tem enfrentado julgamentos e punições de militares envolvidos em casos de tortura, os nossos continuam “incólumes” com pouquíssimos avanços no campo dos direitos humanos. Portanto, a memória dos

militares na Argentina seria uma “memória destruída” pelo grau de violência que se impôs. A nosso ver, as razões que delineiam estas diferenças estão enraizadas nas características sociais e políticas de cada povo e não, simplesmente, nos aspectos quantitativos de tal violência (Cardoso, 2018, p. 8).

Houve um silenciamento sobre as violências ocorridas no período totalitário mesmo quando este acabou. Maria Cristina Ocariz (2015 *apud* Passoni & Tosta, 2021) cunha o termo *não-memória* para esta situação: Se não há um registro, é como se nunca tivesse acontecido e, sem esse registro, ocorre uma dificuldade de elaboração deste ocorrido. Então, há um trauma tanto em quem viveu as situações de violência quanto na sociedade.

Não houve, por parte do Estado, uma preocupação com os efeitos traumáticos das vítimas, por mais que estas tivessem sido indenizadas financeiramente. “Uma indenização econômica sem a promoção de um espaço em que os traumas reais e complexos possam efetivamente ser cuidados é o mesmo que pedir que essas vítimas se calem e corroborem o silêncio imposto” (Passoni & Tosta, 2021, p. 414).

Quando um trauma é silenciado, a tendência é que ocorra uma repetição como uma tentativa de elaboração do não-dito. O desejo de retorno da ditadura é pensado então como um sintoma da não elaboração, não responsabilização e do silenciamento dos acontecimentos da ditadura (Passoni & Tosta, 2021; Freud, 2010/1914).

O esquecimento decorrente do trauma se dá por conta de um bloqueio na rememoração. Freud (2010/1914) coloca que ao rememorar um trauma, é comum afirmarem que sempre souberam de tal evento, apenas não pensavam nisso. Ao não recordar o conteúdo esquecido, a pessoa atua e repete o acontecimento em suas relações. Recuperando a memória é possível elaborar tais acontecimentos e deixar de repeti-los, mas é um processo que leva tempo e demanda escuta.

Fica clara a importância de se contar com políticas públicas de resgate da história, memória e verdade individuais e coletivas; políticas públicas de reparação de danos psíquicos, que, uma vez elaborados, ressignificados e trazidos à consciência, podem evitar a repetição da violência (Passoni & Tosta, 2021, p. 428).

Em 2012 se iniciou o projeto Clínica dos Testemunhos, promovendo a fala e a escuta compartilhada para as vítimas do regime militar. Dar voz a esses acontecimentos é de extrema importância para uma clínica política, a fala permite deslocar os traumas do passado para uma fala no presente, permitindo à verdade aparecer e transpondo a repetição em ato para o simbólico da palavra (Passoni & Tosta, 2021).

Diante de um acontecimento traumático como a ditadura, é importante salientar que as vítimas foram violentadas pelo Estado. Dessa forma, colocam-se com desconfiança diante de uma política pública, receosos de que o Estado ainda seja perseguidor. Desta maneira, a rememoração e a fala devem vir não apenas daqueles que vivenciaram, mas do próprio Estado, posicionando-se e tendo um compromisso com a verdade (Passoni & Tosta, 2021).

Esse evento traumático que reverbera no social deve não apenas ser uma tarefa de elaboração individual, mas uma preocupação política pública. É preciso que os eventos sejam lembrados, não esquecidos, para que a repetição não apareça como sintoma. Desta forma, defende-se que haja não apenas espaço para que as vítimas da ditadura falem, mas que haja espaços — como museus — que guardem e recontem a história da ditadura, para que não seja esquecida.

## 2. Metodologia

Este artigo científico é caracterizado como pesquisa bibliográfica integrativa, pois seu alicerce consiste em bases teóricas delineadas em contextos sociais, pedagógicos e humanísticos, aplicando a percepção dos autores sobre a problemática de pesquisa. Nesse sentido, o trabalho agrupa principalmente os fundamentos de Freud (2011/1921), Melchior (2015) e Cardoso (2018).

A revisão integrativa, finalmente, é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular (Souza *et al.*, 2010, p. 103).

O *corpus* de obras analisadas constitui os desdobramentos sociais, especificamente ao campo de estudo da psicanálise frente às subordinações autoritárias provocadas pela ditadura militar. Para tecer este estudo em caráter qualitativo nos amparamos em Severtino (2013, p. 103), que diz “[...] São várias metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas”.

### 3. Resultados e Discussão

Quando em *Totem e tabu* (1913/1981a) Freud insiste que nos primórdios da humanidade houve um Pai que tomou todas as mulheres para si e expulsou todos os homens da tribo, que todavia, eles retornaram para se vingar e no processo, além de matarem-no, ingeriram sua carne como forma de incorporar todo o valor daquele Pai de poder ambivalente, que os faziam sentir temor e ódio, mas ao mesmo tempo amor e admiração, Freud quer dizer que após o deleite da satisfação do gozo “total”, os homens acabaram por se sentirem desamparados por esse Pai, que se tornara ainda mais forte após sua morte do que quando estava vivo porque, a partir deste momento, ele passara a ser uma entidade onipotente. O arrependimento deste crime primordial corrói o homem até os dias de hoje, o homem fora obrigado a se lembrar da morte desse Pai o tempo todo. Tudo o que homem depois do banquete totêmico fez foi criar civilizações aos moldes e leis do pai falecido, o messianismo aparece como o retorno deste Pai que os perdoará e resolverá todos os problemas, enquanto isto, o homem se contenta em encontrar em líderes autoritários (e ao mesmo tempo benevolente por satisfazer suas vontades) a imagem perdida do Pai canibalizado e incorporado como parte de sua essência, obedecendo-o sem questionamento:

Esse desamparo dos sujeitos, muitas vezes, os leva a uma busca pelo pai e pelos deuses como uma tentativa de encontrar uma plena felicidade, lá onde os filhos se sentiam plenos da presença da mãe e da proteção imaginária do pai. Essa plenitude é reconstruída, muitas vezes, em sentimentos oceânicos ou em tentativas imaginárias de recompor o que está na ordem do impossível. Nesse sentido, as pessoas se tornam vulneráveis a aderir a discursos que prometem a felicidade total, livre de todos os males, a sociedade perfeita em que as pessoas se amam e não se matam, aquele lugar em que o controle da natureza e do psiquismo indomável do ser humano garante a ordem e a segurança. (Lara Junior, 2010, p. 90-91).

O sujeito, em psicanálise, não pode ser completo devido ao fato de uma ruptura psíquica acontecer no relacionamento com a mãe durante a passagem pelo Complexo de Édipo. Essa incompletude é eterna e condiz com a verdade, no entanto, entre o sujeito e esse Outro é criado uma fenda (*Spaltung*) que, para compensar a falta do Outro e encher a *Spaltung* para alcançá-lo, similar a criação de uma ponte, o indivíduo cria mecanismos que lhe garantem “ter de volta” sua completude.

Isso fala no Outro, dizemos, designando por Outro o próprio lugar evocado pelo recurso à palavra, em qualquer relação em que este intervém. Se isso fala no Outro, quer o sujeito o ouça ou não com seu ouvido, é porque é ali que o sujeito, por uma anterioridade lógica a qualquer despertar do significado, encontra seu lugar significante. A descoberta do que ele articula nesse lugar, isto é, no inconsciente, permite-nos apreender ao preço de que fenda (*Spaltung*) ele assim se constituiu (Lacan, 1958/1998, p. 696).

É neste sentido que ele movido pelos discursos que lhe prometem o gozo de todos os seus desejos, levando à alienação e ao totalitarismo, que retorna o indivíduo para o estágio quando ele não precisava lidar com essa verdade e não

existia essa fenda. O autoritarismo entra na jogada e lhe oferece a satisfação dessas fantasias, porque o autoritário é aquele que de tudo pode, que de tudo goza, ele é, para o sujeito incompleto, um ser completo, uma inspiração de tudo que esse indivíduo almeja ser. Não é à toa que os discursos linguísticos do autoritarismo rogam a um passado glorioso onde todos gozavam felizes com toda sua plenitude. O sujeito que é motivado por esse discurso é, em essência, alguém que não soube lidar com a castração no tempo remoto necessário e sua válvula de escape é inserir-se nessas fantasias de retorno ao período de pré-castração.

Ao incondicionado da demanda, o desejo vem substituir a condição “absoluta”: condição que deslinda, com efeito, o que a prova de amor tem de rebelde à satisfação de uma necessidade. O desejo não é, portanto, nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda (*Spaltung*) (Lacan, 1958/1998, p. 698).

Quando há a sujeição alienada à ideia — a ideologia — esta fantasia torna-se algo para além mais de uma busca de construir uma ponta sobre a fenda para obter-se o Outro perdido, a fantasia administrará o conflito interno do indivíduo por tentar localizar a sua causa em uma “fração da alteridade construída ideologicamente como um objeto: os negros, os imigrantes, os judeus etc. [...] [Autoritarismos] são a expressão encarnada da servidão voluntária, o momento em que o desejo se mostra como desejo de alienação, não somente como desejo alienado” (Dunker, 2005, pp. 51-52). O sujeito faz um deslocamento das causas da fenda, para outra ideia ou outro grupo de pessoas. A perseguição ou o aniquilamento desses terceiros fazem que ele desfrute de um gozo parcial (que ele pensa ser total, uma vez que este tipo de gozo é impossível) sem culpa, para suprir sua necessidade de amparo após o rompimento com a relação materna.

Por consequência, essa ideologia é ilusória, obviamente fruto de uma ilusão, visando estruturar uma realidade que não existe para se evitar o conflito doloroso de saber a verdade (realidade  $\neq$  verdade) que não há gozo pleno; a realidade pode ser construída e é externa, mas a verdade é interna e simplesmente existe independente de nossa vontade (Zizek, 1999). Isto explica porque durante a ditadura militar os seus entusiastas apenas seguiam que lhes eram proposto, sem qualquer tipo de questionamento: A obediência convicta não é uma verdadeira obediência “porque já é “mediada” por nossa subjetividade — isto é, não estamos realmente obedecendo a autoridade, mas simplesmente seguindo nosso julgamento, que nos diz que a autoridade merece ser obedecida — [...]” (Zizek, 1999, p. 318).

No processo identificatório o objeto é posto no lugar do eu e do ideal de eu. Quando isso ocorre, a consequência é a submissão humilhada, obediência cega e a falta de crítica em relação ao objeto. Quando o lugar do objeto é ocupado por uma pessoa, no caso o líder, esse se torna o objeto único dos sujeitos das massas que buscam através desse a plena satisfação de seus instintos. Essa aspiração sexual inibida faz criar laços entre os seres humanos, portanto, qualquer promessa de satisfação plena desses instintos é vista pelos sujeitos como a possibilidade de gozo. (Lara Junior, 2010, p. 131).

O que Zizek (2009) propõe é que a busca por uma figura de autoridade - ditador, ou aspirantes com discursos semelhantes - é um meio simbólico pelo qual o homem tenta ser guiado atrás de um fantasma que não existe. Desta forma, após as constantes frustrações em um ciclo de “sai um, entra outro” na esperança de chegarem até esse fantasma (o Outro), o homem encontra nesse processo uma forma de gozar simbolicamente sempre. Apesar de nunca gozar plenamente, o homem pode se satisfazer apenas com o seu aspecto simbólico. Em suma, essa rotatividade de totalitários quer dizer que o homem ainda está sempre disposto a cometer os mesmos erros.

Enquanto a lei explícita é sustentada pelo pai morto como autoridade simbólica (o “Nome do Pai” de Lacan), o código não escrito é sustentado pelo suplemento espectral do Nome do Pai, o espectro obscuro do “pai primitivo” freudiano. Aí também reside a lição chave [...], o “pai primitivo” freudiano — o pai obscuro cujo gozo não está subordinado a nenhuma lei simbólica, o mestre total que ousa ficar cara a cara com o real do gozo aterrorizante — [...] (Zizek, 2009, p. 207).

A compulsão à repetição dos mesmos erros é um esforço das tentativas do ser humano de não se deparar com a sua própria verdade, ou seja, consigo mesmo. Ele deseja ignorá-la. No entanto, essa ignorância tem um preço que é o esforço de não pensar. Zizek (2015) afirma que a noção de totalitarismo tapa os buracos, evitando que o homem se confronte com sua história e busque pensar sobre a aclamação por um ser que dita tudo é reflexo de uma ação que roga misericórdia na procura da interdição do ato de pensar. O totalitarismo, neste sentido, está além do senso de controle social da vida, mas um curto-circuito da Alteridade messiânica com o agente político determinado.

#### 4. Considerações Finais

A ditadura no Brasil foi civil-militar e não integralmente militar, como hoje temos como preconcepção de um passado que nos parece tão distante, apesar de suas reverberações influentes atuais. Ou seja, o regime autoritário nacional fora instalado com auxílio do apoio popular no combate a um inimigo que representava uma fantasmática dos processos inconscientes não elaborados. A não elaboração é fruto de um não resgate e de uma não repetição, quando não há ambos a elaboração não é possível de ser feita conscientemente dentro do ambiente clínico controlado, por consequência, o fato/ato se repetirá na esfera social sem que o sujeito obtenha consciência dos motivos de suas ações mal resolvidas.

Para a psicanálise, o clamor popular que roga por uma intervenção estatal centrada em um líder idealizado pela massa é reflexo de todos os seus anseios inconscientes mais profundos. Geralmente é sempre centrado em uma figura masculina tal qual o Pai da Horda era, um Pai que apela, através de um discurso que busca no passado, como na tenra infância, a proteção dos pais, o gozo ilimitado e a satisfação dos desejos, uma época passada de quando o sujeito era o centro de tudo, não havia com o que se preocupar. O líder autoritário é a imagética da necessidade de retorno à perfeição dessa vida confortável que o homem não pode mais ter: A castração, a ruptura com o Outro e as exigências do mundo exterior já ocorreram, no entanto, o indivíduo ainda não consegue aceitar sua atual condição. Para fugir dessa verdade dolorosa, ele se conterà com ilusões e representações dessas idealizações de retorno.

A psicanálise, através do processo clínico e social, nas suas buscas por elaboração e sublimação, pode contribuir e tem como finalidade “ajudar o indivíduo a tornar-se autônomo: capaz de uma atividade reflexiva e de deliberação” (Castoriadis, 1990, p. 148), uma vez que a psicanálise “está fundada no amor pela verdade, isto é, no reconhecimento da realidade e que ela exclui qualquer tipo de impostura ou engano” (Freud, 1937/1981b, p. 263). Para que haja um estado democrático de direito é preciso, primeiro, recordar para não esquecer e um compromisso com a verdade, dessa maneira, tanto o Estado quanto o indivíduo passam a tomar as rédeas de um pensamento corajoso e livre (Zygouris, 2006).

#### Referências

- Cardoso, L. C. (2018). “Volta à ditadura”? Retorno da utopia autoritária presente nas memórias de militares e civis de 1964. *Contenciosa*, 8, 1-11.
- Castoriadis, C. (1990). *Psychanalyse et politique, 1987-1989*. In: C. Castoriadis, *Le monde morcelé: les carrefours du labyrinthe III* (pp. 141-154). Seuil.
- Dunker, C. (2005). Zizek: Um pensador e suas sombras. In C. Dunker & J. L. A. Prado (Orgs.), *Zizek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo* (pp. 47-80). Hucitec.
- Freud, S. (1981a). Totem and taboo. In S. Freud, *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud vol. XIII* (pp. 1-162). Hogarth Press. (Obra publicada originalmente em 1913).
- Freud, S. (1981b). Analysis Terminable and Interminable. In S. Freud, *Moses and Monotheism An Outline of Psycho-Analysis and Other Works vol. XXIII* (pp. 209-253). Hogarth Press. (Obra publicada originalmente em 1937).
- Freud, S. (2010). Recordar, repetir e elaborar. In: S. Freud, *Obras completas vol. 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber"), artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913)* (pp. 193-209). Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1914).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In: S. Freud, *Obras completas vol. 15: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (pp. 13-112). Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1921).



- Lacan, J. (1998). A significação do falo. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 692-703). Zahar. (Obra originalmente publicada em 1958).
- Lara Junior, N. (2010). *A mística do MST como laço social*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Brasil.
- Melchior, A. P. (2015). “Pai Terrível”, Submissão ao Poder Autoritário Estatal e a Velha História de Sempre. *EMERJ*, 18 (67), 39-53.
- Neto, F. K., & Pádua, M. L. G. de. (2015). Ditadura militar e as sociedades psicanalíticas: Relações e ressonâncias na práxis. *Revista da SPAGESP*, 16 (2), 32-45.
- Passoni, M. F., & Tosta, R. M. (2021). Clínicas do Testemunho na elaboração do traumático: violência de Estado na ditadura civil-militar brasileira. *Psicologia Revista*, 30 (2), 412-432.
- Severino, A. J. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico*. (1a. ed.). Cortez.
- Souza, M. T., et al. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8(1), 102-106. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>.
- Zizek, S. (1999). Como Marx inventou o sintoma? In S. Zizek (Org.), *Um mapa da ideologia* (pp. 297-331). Contraponto.
- Zizek, S. (2009). *Sobre la violencia: seis reflexiones marginales*. Paidós.
- Zizek, S. (2015) *Alguém disse totalitarismo? Cinco intervenções no (mau)uso de uma noção*. Boitempo.
- Zygouris, R. (2006). *Nem todos os caminhos levam a Roma*. Escuta.